

A TRAJETÓRIA DO MOVIMENTO CULTURAL RORAIMEIRA (1984-2000)

Tiago Cardoso da Silva[1]

Resumo
O artigo traz uma análise sobre a trajetória do Movimento Cultural Roraimeira em Boa Vista – Roraima, nos anos de 1984 a 2000, que por meio de seus discos retratavam a identidade, costumes e hábitos locais. Apresentando expressões artísticas, demonstrando nos palcos por meio de suas canções, um modo de pensar, fazer e sentir próprio, o Movimento Roraimeira, apresenta elementos plurais em suas obras, manifestações em busca do aprimoramento de seus trabalhos. Dando sentido ao nome Roraimeira, que seria um sentimento de pertencer a Roraima.

Palavras-chave: Cultura. Identidade. Representações.

Introdução

Roraima, etimologicamente traduzido como “Monte verde”, é o Estado menos populoso do Brasil, com 514.229 habitantes, segundo estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A história desse lugar do país está ligada diretamente ao Rio Branco, pois foi através dele que os primeiros colonizadores portugueses chegaram e ocuparam a região. Situado numa área periférica da Amazônia, o mais setentrional dos estados brasileiros, apresenta uma cultura fortemente influenciada pelos povos indígenas que viveram e vivem no local.

Em 13 de setembro de 1943, o presidente da República Getúlio Dorneles Vargas, através do decreto lei n 5.812 cria os Territórios Federais, dentre eles o Território Federal do Rio Branco, sendo desmembrado neste momento do Estado do Amazonas.

Oliveira argumenta que no ano de 1962, a denominação de Território Federal do Rio Branco foi modificada para Território Federal de Roraima, devido à confusão nas correspondências, e mesmo o destino de pessoas, eram trocados do Acre para Boa Vista e vice-versa, entre o Território e a capital do Acre, também

[1] Professor EBTT de Música do Colégio de Aplicação – CAP – Universidade Federal de Roraima UFRR – tiago.cardoso@ufrr.br



denominada Rio Branco. Em 1988, data da promulgação da constituição Brasileira, foi criado o Estado de Roraima, deixando de ser Território Federal de Roraima.

Boa Vista é uma cidade que é conhecida por sua pluralidade, de pessoas oriundas dos mais diversos Estados. Souza salienta que o número populacional é formado em grande parte de migrantes. Por estar localizada no extremo norte do país, Roraima é um Estado fronteiriço, a leste faz fronteira com a República Cooperativista da Guiana, ao norte e oeste com a República Bolivariana de Venezuela e ao, sul, com os estados do Amazonas e do Pará.

Sobre cultura e identidade: uma análise teórica

Cultura é uma das mais importantes definições nas ciências humanas sendo discutida em variadas formas interdisciplinares como na História, na Filosofia, na Sociologia e principalmente na Antropologia. Para essa última, é um termo essencial no processo de constituição como ciência. Na verdade, desde o século XIX, a Antropologia procura definir os limites de sua ciência por meio da discussão desse termo. Existem vários autores que o discutem de forma abrangente na tentativa de explicar o seu significado.

Para Silva (2009, p. 85): O significado mais simples desse termo afirma que cultura abrange todas as realizações materiais e os aspectos espirituais de um povo. Ou seja, em outras palavras, cultura é tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no plano concreto ou no plano imaterial, desde artefatos e objetos até ideias e crenças. Cultura é todo complexo de conhecimentos e toda habilidade humana empregada socialmente. Além disso, é também todo comportamento aprendido, de modo independente da questão biológica.

É importante lembrar-se de Franz Boas como sendo um dos pioneiros a afirmar que todas as culturas têm sua própria história, que se desenvolve de forma particular e não pode ser julgada à luz de outras culturas.

O crítico literário e também filósofo familiarizado com estudos culturais Terry Eagleton, trata do aparecimento de cultura (do conceito), referindo-se às diversas versões da palavra, afirmando ser um dos conceitos mais complexos de todos. No que concerne à temporalidade, o autor trabalha o termo a partir de três categorias de tempo: tradicional, moderno e pós-moderno. O autor codifica várias questões filosóficas fundamentais, como exemplo, a natureza produz cultura que transforma a



natureza, isto é, assim como o homem age sobre a natureza modificando-a, a mesma também tem a propriedade de agir sobre ele.

Nas obras de Shakespeare a cultura é vista como meio da autorrenovação (termo autoexplicativo) constante da natureza. Se a natureza é sempre de alguma forma cultural, então as culturas são construídas com base no incessante tráfego com a natureza que chamamos de trabalho. Eagleton percebe uma tensão entre cultura e civilização. Para o autor essa tensão esteve relacionada, principalmente, com a rivalidade entre Alemanha e França. Diz ainda que o conceito de cultura está enraizado no século XIX como sendo pluralizado, isto é, falando das culturas de diferentes nações, bem como de diferentes culturas dentro da própria nação. Pluralismo pressupõe identidade, como hibridização pressupõe pureza. Estritamente falando, só se pode hibridizar uma cultura que é pura; mas como Edward Said sugere, 'todas as culturas estão envolvidas umas com as outras; nenhuma é isolada e pura, todas são híbridas, heterogéneas, extraordinariamente diferenciadas e não-monolíticas. (EAGLETON, 2003, p.28) Dessa maneira, defende a tese de que "todas as culturas estão envolvidas umas com as outras; nenhuma é isolada e pura, todas são híbridas de certa forma".

O resultado da cultura, ou seja, os artefatos culturais, as danças, as línguas, as festas, assim como o legado patrimonial deixado para as futuras gerações refletem essa hibridização.

É necessário, ainda, destacar o olhar dos historiadores em relação à cultura. Como o de Peter Burke: O termo cultura tendia a referir-se à arte, literatura e música (...) hoje, contudo seguindo o exemplo dos antropólogos, os historiadores e outros usam o termo 'cultura' muito mais amplamente, para referir-se a quase tudo que pode ser apreendido em uma dada sociedade, como comer, beber, andar, falar, silenciar e assim por diante. (1989, p.25)

Nesse sentido Burke nos alerta de que o conceito de cultura, ao passar dos anos, foi se ampliando para praticamente atingir a tudo que há dentro de uma sociedade; desde os costumes e até mesmo a maneira de se comportar. Analisando as entrelinhas, pode-se enxergar a cultura basicamente separada em dois blocos: o bloco da cultura da elite e o da cultura do povo.

Ginzburg se expressa da seguinte forma sobre cultura: Só através do conceito de 'cultura primitiva' é que se chegou de fato a reconhecer que aqueles



indivíduos outrora definidos de forma paternalista como ‘camadas inferiores dos povos civilizados’ possuíam cultura. A consciência pesada do colonialismo se uniu assim à consciência pesada da opressão de classe. (1987, p. 17). De certa forma Burke e Ginzburg se aproximam quando usam a divisão de classes para definição da cultura do povo e da elite, porém afirma que a partir do conceito de ‘cultura primitiva’ é que se reconhece a existência da cultura do povo e dos excluídos.

Um importante aspecto metodológico está na ideia de que as culturas das classes subalternas são predominantemente orais, principalmente se voltarmos a séculos passados. Ao perceber a impossibilidade de entrevistar camponeses do século XV, o historiador acabava utilizando fontes escritas por indivíduos que não pertenciam à classe subalterna e, por muitas ou na maioria das vezes, eram sujeitos que possuíam franca oposição a ela. De maneira inevitável o historiador estava tendo em mãos aspectos da ***cultura popular*** sendo mediada por filtros e intermediários, ou seja, vista por olhares totalmente alheio ao da classe estudada.

Com os novos campos da historiografia, a História ganha um novo rumo, isso se dá a partir da segunda metade do século XX, com a Escola dos Annales (1929), principalmente com a terceira geração dos Annales, que vão discutir diferentes abordagens e há uma aproximação da História com outras ciências. Desta forma surge à concepção da Nova História Cultural que tem diversos elementos entrelaçando os conceitos de cultura. Como base para trabalhar esse termo, Peter Burke descreve cultura da seguinte forma:

> O termo cultura costumava se referir às artes e às ciências, depois, foi empregado para descrever seus equivalentes populares – músicas folclóricas, medicina popular e assim por diante. Na última geração, a palavra passou a se referir a uma ampla gama de artefatos (imagens, ferramentas, casas e assim por diante) e práticas (conversar, ler, jogar).

Por isso entendemos a necessidade de trabalhar outras áreas dos diversos campos das ciências, propondo um debate com a Antropologia. Para assim compreender como se dá o contexto da cultura. A Nova História Cultural estabelece um diálogo com a Antropologia Simbólica, portanto, corroborando com Geertz percebemos que “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise”. Com esta



afirmação é possível expor exatamente os elementos pesquisados quando inferir que, ao mesmo tempo, o homem produz sua cultura e também é o produto da mesma. Como o termo "cultura", é amplamente utilizado, por diversas ciências, possui uma conceituação vasta e complexa.

Geertz descreve que cultura tem uma natureza simbólica e uma estruturação sistemática que viabiliza sua reprodução e manutenção:

> Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis, (o que eu chamaria símbolos, ignorando as utilizações provinciais), a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade.

A História Cultural mantém uma relação de proximidade com a Antropologia Simbólica. "Estudar a cultura é, portanto, estudar um código de símbolos partilhados pelos membros dessa cultura".

A definição de cultura é muito ampla e não é tão simples defini-la. Seu conceito é múltiplo. De uma forma geral podemos perceber que ela é a junção de ideias, abstrações e comportamento de um determinado grupo/sociedade, é tudo aquilo que é produzido pelo homem, sendo concreto ou imaterial, neste sentido o Movimento Cultural Roraimeira busca expressar, pela arte, as belezas de Roraima, a valorização do povo boavistense, as riquezas culturais e contribuir para entender a formação da identidade regional.

Pesavento acentua que "A cultura é ainda uma forma de expressão e tradição da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentimentos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada, portanto já um significado e uma apreciação valorativa."

A cultura é uma expressão da construção humana, atreladas as questões identitárias, sendo construída através do diálogo entre as pessoas no dia a dia "*Assim, cultura e identidade estão estreitamente interligadas, no sentido da produção e da troca de significados compartilhados*." Nessa interação social a formação se dá gradativamente por meio de símbolos e significados que fazem sentido a essas pessoas, e são compartilhados entre elas. Burke enfatiza que a



cultura “não possui muros e arames farpados que possam impedir o trânsito de ideias e a ressignificação das identidades.” Toda manifestação cultural está repleta de elementos e significados que identificam o povo a que pertence, a uma determinada comunidade ou região.

Tendo como base a teoria da Nova História Cultural, destacamos que é preciso analisar e compreender o objeto de pesquisa, no caso, o debate artístico e cultural, neste aspecto, ainda tendo por base o que ressalta Pesavento:

> Tais traços são, por sua vez, indícios que se colocam no lugar do acontecido, que se substituem a ele. São, por assim dizer, representações do acontecido, e que o historiador visualiza como fontes ou documentos para sua pesquisa, porque os vê como registros de significados de questões que levanta. Estamos, pois, diante de representações do passado que se constroem como fonte através do olhar do historiador. (...) A História Cultural se torna, assim, uma representação que resgata representações, que se incumbe de construir uma representação sobre o já representado.

Neste contexto, os processos de representação estão sujeitos a intensas reformulações, de acordo com os interesses que estejam em jogo. Woodward descreve que “a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito.

Movimento roraimeira

O Movimento Roraimeira teve início no dia 30 de agosto do ano de 1984, quando três amigos e músicos: Eliakin Rufino**,** idealizador do movimento, José Maria Garcia, conhecido artisticamente como Zeca Preto e Neuber Uchôa, ao lado de outros artistas que faziam exposição de artes plásticas em uma das galerias do Teatro Amazonas, chamado na época de Teatro Caixa D´Água. Realizaram um show que incluía desde músicas regionais, a zoodança (dança baseadas nos movimentos dos animais da região), até de danças indígenas como o parixara. Pintores, poetas, escultores boa-vistenses, também faziam parte desse movimento. Entre eles, Valniro Souza, Cardoso, Ana Maria, Alfredo Jatobá (flautista), Elieser Rufino, Marco Aurélio, Afonso Rodrigues e o bailarino Paulo Baraúna.



O Movimento Roraimeira está ligado a representações roraimenses nas questões culturais, em todos os seus segmentos, com todas as riquezas e sua complexidade nas músicas, nas artes plásticas, na dança, na literatura e também na fotografia, o Movimento se expressa na demonstração pública de luta pela valorização da arte, da cultura, na valorização das belezas naturais, nas questões de diversidades socioculturais, nas expressões e símbolos da cultura indígena local. Entende-se o sentimento do Roraimeira como algo que sempre se alimenta da cultura, e varia de acordo com concepções subjetivas de pessoas, corpo, identidade. O Movimento esboça à tentativa de estabelecer, e conhecer um sentimento, preservar as raízes culturais regionais, fomentando uma reflexão através da arte.

Eliakin Rufino explica o que foi o Movimento Roraimeira em entrevista à Revista RAIZ no dia 07 de dezembro de 2006:

> […] é o nome de uma música do cantor e compositor paraense Zeca Preto. Esta música foi classificada em 2° lugar no II Festival de Música de Roraima que aconteceu em julho de 1984. É a primeira música que fala do povo e da paisagem de Roraima. […] falava da nossa cultura e da nossa paisagem natural. Outros artistas, de outras linguagens artísticas, que também utilizavam a temática local nas suas obras, se juntaram a nós: nasceu aí o Movimento Cultural Roraimeira, inspirado no Movimento Modernista e no Movimento Tropicalista, com o objetivo de construir uma estética local e começar a esboçar e revelar uma identidade cultural para o povo de Roraima. […] um Movimento Cultural (música, literatura, fotografia, artes plásticas, dança) que reconhecia e acomodava todas as diferenças e apontava para a diversidade e a pluralidade como a marca da nossa identidade.

Ao descrever o Movimento Roraimeira, Eliankin Rufino relata como foi à gênese do mesmo enfatizando que o nome dado foi tirado de uma canção do musico Zeca Preto, deste modo o poeta apresenta as linguagens e expressões artístico-culturais que compunha toda aquela manifestação que ajudou a difundir a cultura no então Território Federal de Roraima, os artistas que envolveram diversas áreas da arte, fala das influências aponta que a temática do grupo estava interligada as questões da fauna e flora presente, nas suas apresentações.

Em 1989, Eliakin Rufino foi entrevistado pelo Jornal de Roraima, neste período o Movimento estava em expansão, o poeta explicava quais as temáticas do



show Roraimeira, esboçando sua preocupação ao reafirmar que o espetáculo estava voltado para a conscientização das raízes boa-vistenses.

> Ambos os integrantes acreditam que Roraimeira, não é somente um espetáculo. “Fazemos parte de um Movimento Cultural, voltado para os temas regionais, que é a linguagem universal, depois do Romantismo. A mistura perfeita entre música dança e poesia proporciona aos espectadores uma constatação da realidade cultural de Roraima”. Segundo Eliakim Rufino, a fórmula do espetáculo reúne duas condições básicas para divulgar a arte e a cultura de Roraima. O show é cultural e educativo, por isso tratamos especificamente temas regionais.

Após dezesseis anos de existência do Roraimeira, com muitos festivais, discos, shows e livros, os três músicos que influenciaram a música, a culinária, as artes plásticas etc., decidem que, a maior contribuição que podem dar para a cultura roraimense é a carreira solo, além de outros projetos em conjunto.

O ano 2000 foi marcado com fim de uma história recheada de músicas, poesias e muita arte, o grupo Roraimeira acabou, mas deixou sua marca registrada na cultura local e ainda hoje, poucas vezes, podemos ouvir esse tipo de música nas rádios; também, através dos raros discos deixados pelo grupo, que foi e é, o grande presente que esses artistas, poetas, cantores, deixaram para o Estado.

O grupo Roraimeira se separou para “buscar novos rumos”, como diz Eliakin, mas na realidade, o movimento continua. A influência que esses artistas deixaram durante dezesseis anos juntos, divulgando Roraima, nota-se nos novos artistas que aqui surgem, em suas letras de músicas o linguajar regional aparece claramente.

Conclusão

O Movimento Roraimeira representou e ainda representa um processo cultural, que através de suas experiências vividas, tanto em Roraima, quanto fora do Estado, à fomentação dos discursos dos mesmos, que apresentam elementos plurais em suas obras, manifestações em busca do aprimoramento de seus trabalhos. Dando sentido ao nome Roraimeira, que seria um sentimento de pertencer a Roraima.



Podemos perceber que foi por meio das canções que Roraima foi difundido as belezas e atrativos culturais, por meio da arte foram promovendo a cultura, expondo seus lugares, belezas e seu turismo típico e único. Descrevendo um local belo para se viver e apresentando seus encantos, mitos, lendas, paisagens, histórias, comidas, montes, plantas, peixes, costumes entre outros aspectos.

Apontando uma forte herança cultural que não poder ser esquecida, que os artistas reafirmam, como se quisessem a qualquer momento expressar seus sentimentos a terra em que habitam, declarando seu amor em cada canção cantada ou declamada. Enfatizando seu carinho por Roraima, e expandido para outros lugares, o que a de belo em Boa Vista.

Referências

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

BURKE, Peter. **O Que é História Cultural**, 2ª Ed., Rio de Janeiro, Zahar, 2008.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. 4. ed. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2008.

COCHE, Denys. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. 2ª Ed., Bauru; EDUSC, 2002.

FARIA, Márcia Nunes. **A música, fator importante na aprendizagem**. Assis chateaubriand – Pr, 2001. 40f. Monografia (Especialização em Psicopedagogia) – Centro TécnicoEducacional Superior do Oeste Paranaense – CTESOP/CAEDRHS.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. 2ª. Ed., São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história Cultural**, 2ª Ed., Belo Horizonte. Editora; Autentica, 2008.

Revista Diretrizes: **Uma Revista para o Estado**, Ano I – nº 4 – Boa Vista, julho/agosto/setembro de 1991.

WANKLER, Cátia Monteiro; SOUZA, Glaciele Harr de. **Estudos de Literatura de Roraima: uma abordagem multidisciplinar e pluricultural**. In Revista Eletrônica Da Universidade Federal De Roraima, 2007.

_____ **Roraima, Amazônia de Makunaima e o ensino de Música**. (Programa de Pós-Graduação) CBM, Rio de Janeiro, 1991.